

PERCEPÇÃO E AMBIENTE: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO VÍDEO ETNOGRÁFICO NO PONTAL DA BARRA, PELOTAS, RS.

VITORIA DE LIMA CARDOSO¹; YARANA BORGES²; FLAVIA MARIA RIETH³

¹Universidade Federal de Pelotas – vitorialimacardoso2604@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – yaranaester@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo é fruto da intersecção de dois componentes curriculares dentro do Programa de Pós-graduação em Antropologia. Antropologia e imagem, ministrada pela Professora Cláudia Turra Magni. Articulada ao componente curricular de Meio Ambiente, ministrada pelas professoras¹: Flávia Rieth, Ana Luiza Rocha e Adriana Penafiel.

O trabalho tem como universo de pesquisa a comunidade de pescadores profissionais artesanais do Pontal da Barra na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Esta comunidade faz parte da comunidade pesqueira da Colônia Z3. No qual integra-se às outras comunidades de pescadores e pescadoras localizadas às margens do estuário da Lagoa dos Patos e Canal São Gonçalo. Dentre estas estão: Rio Grande-Colônia Z1; São José do Norte-Colônia Z2; Pelotas-Colônia Z3; São Lourenço do Sul-Colônia Z8. Além disso, o Pontal da Barra faz parte da praia do Laranjal.

O trabalho versa sobre a elaboração de um vídeo etnográfico² sobre as memórias de duas moradoras mais antigas e sobre suas trajetórias e a relação com o lugar. Dona Rosa habita a localidade há cerca de 37 anos. Ex- pescadora, oriunda de família de pescadores, atualmente trabalha em um bar local, atuando como “vendedora”. E também, Dona Seli Maurício, artista, muralista e moradora do Laranjal há muitos anos.

Busca-se refletir sobre as escolhas narrativas na elaboração do vídeo etnográfico, tendo como objetivo, pensar sobre a relação das moradoras com o lugar, aliado ao exercício de caminhada etnográfica visando a percepção do ambiente (INGOLD, 2008).

2. METODOLOGIA

Em um primeiro momento, realizamos o exercício de caminhada (INGOLD, 2015) no Pontal da Barra, proposto pelo componente curricular de Antropologia e Meio Ambiente do programa de Pós-graduação em Antropologia.

A caminhada foi realizada partindo dos princípios de uma “etnografia de rua” segundo as antropólogas Cornélia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2013):

“A etnografia de rua, aqui, é um deslocamento em sua própria cidade, o que significa dizer, dentro de uma proposta benjaminiana, que ela afirma uma preocupação com a pesquisa antropológica a partir do paradigma estético na interpretação das figurações da vida social da cidade. Um investimento

¹ Contou também com a participação de outros professores de outras instituições como Flávio Leonel Silveira da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Jesus Marmarillo Pereira da Universidade Federal do Pará (UFPA).

² O vídeo etnográfico está disponível através do youtube: https://youtu.be/_WEW8r8siNI.

que contempla uma reciprocidade cognitiva como uma das fontes de investigação, à própria retórica analítica do pesquisador em seu diálogo com o seu objeto de pesquisa, a cidade e seus habitantes” (ECKERT; ROCHA, 2013, p.3).

A partir disso, com a mediação (KOPENAWA, 2019) e a interlocução com o professor Giovanni Maurício, realizamos uma entrevista informal no bar da moradora do Pontal da Barra, Dona Rosa. Nesta entrevista realizou-se a captação de áudio e vídeo pelo celular.

Em um segundo momento, elaborou-se um projeto de vídeo etnográfico e um roteiro de filmagem sobre as interlocutoras, Dona Rosa e Dona Seli. Proposta de trabalho para o componente curricular na disciplina de Antropologia e Imagem. Em seguida, realizou-se uma conversa com a Dona Seli em sua casa, através da mediação com o professor Giovanni Maurício. Houve a captação do áudio através de um gravador de voz.

A elaboração do vídeo etnográfico vai em direção a pensar o vídeo enquanto um meio de estabelecer diálogos com os moradores do Pontal da Barra e, também, restituir as interlocuções com a Dona Rosa e a Dona Seli. Não só, mas também, o vídeo proporciona uma potencialidade de debates e aprofundamentos das dinâmicas vividas na caminhada e das narrativas das interlocutoras. O Antropólogo-cineasta Marc PIAULT (2001) contribui quando diz: “Na medida em que a técnica se intencionaliza e se transforma em linguagem, abre-se um debate entre o realizador e os que tem sua imagem captada e também aqueles para os quais ele projeta suas imagens” (PIAULT, 2001, p.156).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O exercício da caminhada etnográfica (ECKERT, ROCHA, 2013) foi realizado nas bordas do banhado, esta borda seria um espaço de transição, todo o intervalo que existe entre a água e a terra. Portanto, se caracteriza como uma região úmida, composta de barro (FLORES, 2018).

Conforme nos movemos fomos percebendo a diversidade e especificidades do ambiente. Assim, este banhado tem como característica ser também, área de inundação. Os banhados absorvem o excesso de água dos períodos de grandes precipitações, de modo a evitar enchentes e fornece água para o lençol freático e ou rio em períodos de grande estiagem (DUTRA; MÜLLER, 2017). Desta forma, conforme caminhávamos, desvelamos o lugar, como também aprendemos sobre ele, através da mediação (KOPENAWA, 2019) com o Professor Giovanni Maurício.

O estudo da memória afetiva e do pensar a si mesmo na paisagem, se cruzou com as relações estabelecidas entre humanos e não humanos. Assim sendo, o pensar a si mesmo na paisagem está relacionado com as relações que os moradores construíram e configuraram ao seu modo de vida e seu mundo a partir do lugar da vivência. Essa relação, fica em evidência no depoimento da interlocutora Dona Seli, onde ela destaca: “Ame o banhado! Salve o banhado! Eu gostava muito de ver essa natureza assim”.

Dona Seli, narra acerca de sua relação com a natureza da Praia do Laranjal, relembra o local enquanto um lugar próximo ao rural. Ela percebe que com o passar do tempo, o lugar passou por um processo de urbanização, e por consequência, foi distanciando os moradores da relação mais próxima com a natureza. Se torna evidente, quando ela conta sobre as garças e as figureiras, no qual tinha vínculos, ela se dedicava a desenhá-las, mas agora já não mantém muito contato.

Às margens da lagoa, das águas na cidade, foi percebido também o cruzamento do som do vento e da lagoa. Teve momentos em que o som mais

perceptível foi o ruído do vento e em outros instantes, foi o burburinho da lagoa. Por alguns períodos esses sons se entrecruzam, estabelecendo uma grande massa sonora. Outro aspecto foi a captação do som do vento em si, no qual tornou-se um obstáculo, pela constatação da dificuldade de captação. Este zumbido, como pode ser descrito, não nos fala acerca de coisas, mas sim, de ações e movimentos como diz INGOLD (2008). Desse modo, na tentativa de captar o som do vento, fizemos imagens das ações e do movimento que causa no ambiente.

No vídeo etnográfico é possível escutar o som do estuário da lagoa dos Patos e do vento, a partir da caminhada na estrada de acesso a comunidade do Pontal da Barra. Quanto à relação entre naturezas e culturas, buscamos considerar aspectos do modo de vida implicado na percepção destes sons, a partir da interlocução com a dona Rosa, no qual, comenta acerca dos ventos na pesca do Pontal da Barra durante a entrevista. Ela conta que: “Por enquanto não tem peixe por causa dos ventos, os ventos não ajudam. Para a pesca boa, os ventos, tem que o vento funcionar. Esse vento daqui é bom, às vezes aparece peixe” (trecho da conversa com Dona Rosa, no Pontal da Barra do Laranjal no dia 11 de maio de 2022).

Em convergência com dona Rosa, a antropóloga Lúcia Helena Cunha (2003) diz:

“Os ventos interferem na dinâmica pesqueira. Segundo moradores de Guaraqueçaba, o leste e o nordeste seriam os melhores ventos para a pesca, particularmente para espécies como o camarão, miraguaia, bagre e paraty” (CUNHA, 2013, p.3).

A partir da caminhada e da escuta atenta à narrativa de vida e memórias de Dona Rosa. Durante a entrevista que realizamos, ela poderia ser considerada como uma espécie de guardiã da memória (PEIXOTO; SILVEIRA, 2020) do Pontal da Barra. Geralmente, os guardiões são anciãos, responsáveis por transmitir às próximas gerações as memórias da comunidade por meio de narração de histórias. Estes deixam transparecer as fontes dos modos de agir no e com o lugar de um grupo e seus sentidos.

Dona Rosa, assim conhecida, é moradora da comunidade do Pontal da Barra do Laranjal há cerca de 37 anos. Diz que era ex-pescadora artesanal de camarão e, atualmente, se intitula “vendedora”, trabalhadora do bar local. Narra suas memórias no tempo, de como era morar no Pontal, e as famílias que habitavam o local, na época em que veio morar, antes de ter luz e água encanada. Conta-nos de sete famílias, algumas pescadoras e outras que compravam o peixe, todos e todas pertencentes à comunidade pesqueira. Assim, Dona Rosa nos remete às memórias em torno da noção de comunidade pesqueira (ADOMILLI, 2021) à qual pertence.

A partir da educação da atenção (INGOLD, 2008) durante a escuta da narrativa da dona Rosa, e o caminhar às margens da lagoa dos Patos, na comunidade tradicional de pescadores artesanais, é perceptível alguns ensinamentos sobre como é viver neste ambiente. Seja pela relação com as águas, com o vento ou com a terra. Tim Ingold (2008), coloca que através da perspectiva filosófica, pode-se admitir que o conhecimento sobre o mundo se dá também através de alguma forma de percepção. Neste caso, a partir da nossa percepção enquanto caminhantes na estrada do Pontal, fomos nos deixando afetar (FAVRET-SAADA, 2005) pelo ambiente que nos cercava. Assim, o conhecimento elaborado por nós expresso através do vídeo etnográfico, ocorreu como diz Ingold (2008) “em circuitos que perpassam as fronteiras entre cérebro, corpo e mundo”.

4. CONCLUSÕES

A partir da elaboração do vídeo etnográfico proposto pelo componente curricular de Antropologia e Imagem do Programa de Pós-graduação em Antropologia, é possível refletir acerca da percepção e vínculos estabelecidos na relação com o ambiente. O exercício da caminhada etnográfica, remete a sensibilização quanto ao ambiente que se reflete na construção do vídeo etnográfico, considerando as narrativas das interlocutoras sobre a relação com o lugar e suas memórias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. Um percurso de (re) existências em águas salgadas: notas sobre mobilidade e memória do litoral em uma comunidade pesqueira. Tempo e Memória Ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas. Publicações ABA, 2021.

DE OLIVEIRA CUNHA, Lucia Helena. Saberes patrimoniais pesqueiros. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 7, 2003.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia da rua: estudos de antropologia urbana. Porto Alegre: Editora Ufrgs, 2013.

FLORES, Luiza. Ocupar: composições e resistências kilombolas. **Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro**, 2018.

SIQUEIRA, Paula. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.

INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 3, 2008.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Editora Vozes Limitada, 2015.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. História e memória. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Educamp, 1992. p. 419-476.

PEIXOTO, Lanna Beatriz Lima; SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. Da água, a palavra: uma reflexão sobre as relações entre cidade e cursos d’água em Salvaterra a partir da memória de seus habitantes. *Revista Ponto Urbe*.2020.

PIAULT, Marc Henri. Real e ficção: onde está o problema. **Imagem e memória: ensaios em antropologia visual. Rio de Janeiro: Garamond**, p. 151-171, 2001.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Editora Companhia das Letras, 2019.